

## A Tradição da Marujada na cidade de Curaçá-BA: mudanças e permanências<sup>1</sup>

Irenilda Maria da SILVA<sup>2</sup>

Juracy MARQUES<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia- UNEB

### RESUMO

Este artigo objetiva retratar a Tradição da Marujada em Curaçá (BA), não somente por ser uma cultura popular, mais pelas transformações ocorridas nesse ínterim. Através da história oral trazer as vozes de marujos que buscam perpetuar a tradição. Uma das mudanças ocorridas foi à introdução de bebidas alcólicas e o consumo pelos integrantes mais jovens. Trazendo a memória (Ecléia Bosi, 1994) dos marujos mais velhos, suas permanências e os processos da apresentação da tradição na atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** tradição; marujada; Curaçá (BA); memória.

### Introdução

As festividades culturais constituem a tradição de um povo e sua memória, transpondo o tempo e o espaço, fazendo as ligações entre as gerações e perpetuando costumes arraigados no cotidiano de comunidades. Conforme Carvalho (2010), “essas manifestações, por sua vez, são produzidas explicitamente para consumo público, e não privado, e são celebrações de alguma coisa que tem valor na comunidade”. Assim pode a “própria cultura da região se tornar ponto central da festividade”. (GEETZ, 2001 apud CARVALHO 2010).

A festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento das mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e da cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, da alimentação, da dança, dos mitos, das máscaras, atesta como veemência esta proposição. A festa é, ainda, medição entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o

---

<sup>1</sup> : Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social-Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, email: irenildam.silva03@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Orientador do Mestrado em Ecologia Humana da UNEB, email: juracymarques@yahoo.com.br

passado, presente e futuro, entre “nós” e os “outros”, revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura. Mediando os encontros e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. A festa é a mediação; o diálogo da cultura com si mesma. (CARVALHO, 2010, p.5)

A conservação do passado está intrinsecamente relacionada à necessidade de se preservar as festividades culturais, garantindo a perpetuação das tradições de um povo.

Hoje, como ontem e anteontem, o povo se diverte a seu modo, motivando e modificando seus folguedos, mas guardando, invariavelmente, o prestígio da tradição, a evocação dos seus heróis e dos grandes feitos [...] aglutinando os vários elementos folclóricos com a realidade e produzindo esse quadro imenso, irregular e variado da sua diversão. (ALMEIDA, 1973: 212- 213 apud MELO, 2002).

A uma necessidade de se preservar as festividades culturais garantindo a perpetuação das tradições de seu povo, assim resgatando as tradições culturais da cidade. “Hoje, como ontem e anteontem, o povo se diverte a seu modo, motivando e modificando seus folguedos, mas guardando, inevitavelmente, o prestígio da tradição, a evocação dos seus heróis e dos grandes feitos [...] aglutinando os vários elementos folclóricos com a realidade e produzindo esse quadro imenso, irregular e variado da sua diversão [...]”. (ALMEIDA, 1973 p. 212-213 apud MELO, 2002).

## **Memória**

Pensa-se memória como verbo “lembrar-se” (BOSI, 1994, p.47), aflorar os pensamentos a muito guardados pelo tempo, submersos por milhares de pormenores das experiências passadas. A lembrança remete a um passado específico e nos coloca naquele momento como se esse fosse atual.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo de consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p.47)

Na tradição da Marujada da cidade de Curaçá-BA, percebe-se que as memórias trazidas à tona pelos marujos mais jovens são as lembranças dos marujos mais velhos, pais, avôs, tios,

contando momentos das danças, de episódios que foram memoráveis em alguma época. Histórias nostálgicas (...) (BOSI, 1994, p.82), porém que os alimentam para continuarem reafirmando “assim a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente” (BOSI, 1994, p.89).

Dessa maneira a partir da oralidade dos marujos mais velhos, que vão passando para os mais jovens essa tradição que de certo modo está sendo desnaturada, ou folclorizada, a transmissão de saberes feita oralmente, pelo povo, de geração em geração é o que marca a sua diferença, ou seja, a sua identidade cultural.

Para tanto, utilizamos como procedimento metodológico as narrativas orais, através de entrevistas com um grupo de marujos situados em Curaçá, visto que este tipo de coleta de dados é de fundamental importância para reconstituir saberes e valores dos povos ignorados pela ciência e pela historiografia convencional. As falas presentes neste trabalho retratam certas histórias a partir de quem as vivencia, procura dar espaço para que outras vozes sejam ouvidas. É possível verificar nas oralidades novas conjunturas visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (BOSI, 1994).

### **A História da Tradição da Marujada em Curaçá-BA**

Na construção da cidade de Curaçá, situada ao norte do estado Bahia, a 500 quilômetros da capital Salvador, foi fundada por Feliciano Maria de Santa Thereza de Jesus no início do século XIX. Iniciando as obras com a construção de uma capela em homenagem ao seu santo de devoção Bom Jesus da Boa Morte, que posteriormente se tornou padroeiro da cidade. Nessa construção foi utilizada mão de obra escrava, e esses começaram a tradição da Marujada, criando a festa de São Benedito.

Conforme o decreto dos senhores os negros só tinham direito a um dia de descanso anual, e foi escolhido 31 de dezembro. Os negros introduziram no calendário como o dia de festejarem e mostrarem a sua devoção ao santo negro. Passavam do amanhecer ao entardecer dançando e cantando homenagens ao santo protetor, uma forma de diversão e protesto ao tratamento recebido pelos seus senhores.

Os escravos usavam trajes durante essa manifestação. A cor era o branco, devido a outras crenças já inseridas em sua cultura. Anteriormente relatam que era usado paletó completo branco, hoje são usadas calça, camisa de mangas compridas enfeitada com muitas fitas

coloridas, chapéu colorido com papel crepom e um espelho colado na frente, os sapatos e as meias são pretos.

Conforme Esmeraldo Lopes (2000) autor do livro “Caminhos de Curaçá”:

Na manhãzinha do outro dia, os marujos em animação de festa, chegando embarcados, indo para a igreja homenagear a bandeira de São Benedito, cantando, tocando:

“Ô Sinhô Rei “O mistério, ô mistério Lá no seu reinado Ô da Virgem Mãe de Deus Ô Sinhô Rei E que vamo-nos embora Lá no seu reinado Que eu não sou escravo seu”. Hoje na Igreja Amanhã no machado. Ó Sinhá Rainha “Rei, Rainha Rabo de tainha Seu Tenente e Generá Ó Sinhá Rainha Rei, Rainha Rabo de tainha Seu Tenente e Generá Hoje na Igreja Quero que me dê licença Amanhã na cozinha” 33. Rei de Congo vadiá”.(LOPES, 2000)

O uso do espelho no chapéu era uma tática para se comunicar, quando estavam fugindo sinalizar para outros negros. Utilizam instrumentos musicais como o bumbo, aviola e o pandeiro para acompanhar os cânticos e danças. Trazendo a lembrança as viagens nos navios negreiros, quando foram tirados da sua casa a África, talvez por isso a origem do nome "marujos".

Na tradição da Marujada no início a rainha e o rei do cortejo só podiam ser negros, posteriormente mediante uma promessa feita a São Benedito qualquer pessoa poderia se candidatar ao posto. Reza o procedimento que o pai da rainha ou rei é responsável pelo almoço oferecido no dia trinta e um para todos os marujos, pagando assim a sua promessa.

A Marujada não permitia a entrada de mulheres, exceto a rainha. Em 2002 por meio de uma votação, elas conseguiram autorização para fazer parte dos desfiles, algumas se tornando tocadoras, fazendo parte da primeira fila de marujos.

### **Caminhos percorridos pelos marujos**

São cinco horas da manhã do dia 31 de dezembro na cidade baiana de Curaçá. O sol do amanhecer já mostra seus raios luminosos quando os marujos se preparam para iniciar o desfile da Marujada. Este será um dia dedicado a São Benedito, co-padroeiro da cidade, e a

festa só se encerra por volta das 18 horas. As homenagens ao santo se iniciam com o embarque no rio São Francisco, do ponto conhecido como Roça Boca da Barra em barcos enfeitados com bandeirolas e lanternas. Eles seguem em cortejo até ao porto da cidade em direção a Igreja Central, onde é celebrada uma missa. Este ritual se repete desde o século XIX e hoje já registra algumas mudanças, como a redução do número de integrantes fiéis da Igreja Católica e o consumo elevado de álcool durante a manifestação.

O Padre João, que representa a Igreja de Curaçá, presenciou pela primeira vez a Marujada no ano passado diz:

“fiquei impressionado com o envolvimento das pessoas com a festa e com demonstração de fé, sendo uma festa da inclusão, pois todos podem participar da criança ao idoso. Notei como sendo a alma de Curaçá, uma festa da família, até das que não fazem parte da igreja, onde os que assistem e ouvem o cântico feito a São Benedito se arrepiam e sentem uma grande emoção, pois esses são os elementos da fé. Mas a igreja deve se manifestar de forma mais enérgica para fortalecer essa fé”.

As mudanças ocorridas foram o excesso de bebidas alcoólicas durante o cortejo dos marujos. As bebidas foram introduzidas na manifestação desde os primeiros desfiles, lá no início do século XIX. Os próprios negros eram os produtores dos primeiros litros consumidos na homenagem ao seu santo protetor São Benedito, porém a quantidade na atualidade aumentou conforme alguns integrantes, além do consumo por parte de menores de idade.

Segundo o presidente da Marujada, Paulo César Torres, que está nos marujos desde o ano de 1977 e é também responsável pela Bandeira de São Benedito que é levada na procissão que acontece no dia 30 de dezembro:

“Houve muitas mudanças nesse período. Uma delas é o aumento do consumo de álcool não apenas pelos mais jovens, mas também pelos mais idosos que poderiam dar o exemplo”.

Ele destaca que dia 30 de dezembro, dia que antecede a Marujada é realizada festa na cidade e ele mesmo concorda:

“Muitos que não têm fé no santo, se deixam levar pela bebedeira e chegam no início do cortejo já alcoolizados. Alguns sem condição, nem mesmo, de assistir a missa, mesmo sendo alertados durante os ensaios quanto a esse procedimento. E se percebe que a cada ano são os mesmos problemas”.

Breno Gomes Varjão, 19 anos, há três anos como marujo, relembra o que continua a motivá-lo a ser marujo:

“A emoção de ver o desfile, a beleza das roupas e da dança, a estética no sincronismo dos marujos no cortejo, mas alguns ainda precisam se conscientizar com relação ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas e a forma de se apresentar durante cortejo, pois estão sendo assistidos por diversas pessoas”.

Emerson Conceição, 33 anos e a mais de 10 anos é marujo, conta que ingressou no grupo para pagar uma promessa:

“Depois continuei pelo amor, pela devoção a São Benedito e também pelo encantamento ao conhecer a história da Marujada. Infelizmente pela falta de fé e por não ter conhecimento da história e o porquê da Marujada, muitos deixam de dar o devido respeito e, assim, deixam de participar do cortejo e, alguns somente por “furupas” (gandaia) e por acharem que podem ter bebida fácil. Assim acabam interferindo na beleza da festa”.

A Tradição da Marujada é uma manifestação cultural e como tal caracteriza, identifica e representa a cultura desse povo ou nação, cada um com suas determinadas particularidades e princípios, sem qualquer tipo de censura ou proibição moral, exercida pela liberdade plena de opinião e pensamento (BRANDÃO; SILVA, 2010 apud BELTRÃO, 2004). Dessa forma Emerson Conceição diz:

“As evoluções que aconteceram nesses 10 anos não vão conseguir mudar a essência dessa cultura, pois enquanto tiver um filho de Curaçá devoto de São Benedito, essa manifestação vai continuar, sendo passada de geração a geração, com o mesmo brilho de outrora”.

Segundo Igor Felipe Gomes, 16 anos e há dois anos na Marujada, não tem devoção a São Benedito, mais continua a dançar por incentivo dos colegas:

“Bebo bebidas alcoólicas nas visitas, mais muitos outros da minha idade também usam. Muitos dos novos marujos entram para beber, comer e brigar, mesmo com as recomendações dos coordenadores com relação ao uso de bebidas por menores e a forma de se comportar durante o cortejo”.

Rainha aos 10 anos Iansã Clara S. Torres, 23, começou a participar por causa de uma promessa feita pelo pai por sua esposa ter tido uma filha. Depois desse primeiro reinado já se apresentou várias outras vezes como rainha, até fora do estado da Bahia.

“Havia muito preconceito com relação às mulheres. Elas não podiam se apresentar em outras localidades, mas isso mudou e algumas já fazem parte até da primeira fila do cortejo tocando instrumentos, eu mesma toco violão. Porém com as mudanças as concepções da maioria dos novos marujos entram na manifestação pela festa, farra, pela possibilidade de tocar instrumentos e, por último, pela devoção a São Benedito”.

Muitos incidentes já ocorreram no decorrer dos anos de tradição, Iansã relembra:

“Como as bebedeiras por grande parte do grupo, os roubos nas casas visitadas que aconteceram em algumas ocasiões, mais que nada disso faz com que eu desanime, pois São Benedito merece mais é homenagens, e serão necessárias muito mais laranjas podres para acabar com o pé de laranjeira”.

O álcool é a droga de maior consumo no mundo, nas mais diferentes culturas, podendo-se dizer que o consumo de substâncias que possuem a capacidade de alterar estados de consciência e modificar o comportamento, parece ser um fenômeno universal. (LACERDA, 1999 apud GUIMARÃES & S. GRUBITS, 2007)

Dos cerca de trezentos marujos que participam anualmente do cortejo, uma média de cinquenta por cento são jovens que estão envolvidos nesse desfile. A quantidade de álcool distribuído durante todo o dia na comemoração nas diversas casas que os marujos visitam durante o cortejo e são oferecidas bebidas e comidas.

Analisando as informações obtidas por vários membros não há controle do consumo de bebidas, nem mesmo o monitoramento de menores bebendo. Por isso ocorrem vários incidentes, como de jovens não conseguirem concluir o desfile por estarem alcoolizados, sem condições de acompanhar a dança.

Mesmo com tantos jovens consumindo bebidas alcoólicas durante todo o dia da festa, a Secretária Municipal de Saúde da cidade não tem registro de nenhuma entrada no hospital de marujos para atendimento ambulatorial devido ao excesso de álcool ingerido. Sugere-se que a discussão, participação e reflexão de toda comunidade sobre os efeitos nocivos do álcool podem modificar os estereótipos que estimulam o uso de bebidas alcoólicas como, por

exemplo, prazer, festa, diversão (DALCIN, 2011 apud ACSELRAD, 2012), ainda centralizada na substância, nos danos ditos como inexoráveis.

O panorama que se apresenta na Tradição da Marujada na cidade de Curaçá-BA é de contínua evolução, os fiéis curaçaenses de São Benedito mostram-se determinados a não deixar que essas mudanças interfiram na cultura de tantos anos e gerações.

.

### **Considerações finais**

A abordagem utilizada evidencia, nesses relatos, a perspectiva de se manter viva as festividades e preservar a cultura popular. Como salienta Geertz (2001) a “língua é o principal mecanismo pelo qual a cultura produz os significados sociais” (TURNER apud GAURESCHI E BRUSCHI, 2003, p.37).

A tradição da Marujada de Curaçá (BA) como na maioria das culturas sofre as mudanças na sua transmissão, visto que outros costumes vão sendo inseridos, transformando-a em parte, mas também modificando os comportamentos de antigos e novos integrantes. Percebe-se também nessa pesquisa a persistência de alguns marujos pela permanência da tradição na sua essência.



## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Larissa Dantas; SILVA, Mirela da Costa. **Marujada- Comunicação e Folclore**. TCC- 2010

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**; 15ª edição; editora Companhia das Letras- São Paulo – 1994.

CARVALHO, G. **A Festa do Santo Preto: Tradição e percepção da Marujada Bragantina**, Othon Henry 2011-Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <[http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com\\_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cDovL21scGx1cy5ob3N0ZWQuZXhsaWJyaXNncm91cC5jb20vcHJpbW9fbGlicmFyeS9saWJ3ZWlvYWN0aW9uL3NIYXJjaC5kbz92aWQ9Q0FQRVM=&Itemid=119](http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cDovL21scGx1cy5ob3N0ZWQuZXhsaWJyaXNncm91cC5jb20vcHJpbW9fbGlicmFyeS9saWJ3ZWlvYWN0aW9uL3NIYXJjaC5kbz92aWQ9Q0FQRVM=&Itemid=119)>Acesso em: 12 de julho de 2015

LOPES, Esmeraldo. **Caminhos de Curaçá** . Curaçá: Gráfica Franciscana, 2000

MELO, J. **As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário, no Brasil no limiar do século XXI**, PCLA - Volume 3 - número 3: abril / maio / junho 2002. Disponível em:<<<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista11/projetos%2011-1.htm>>>Acesso em: 23 de abril de 2015